

VIDA RESSIGNIFICADA: uma leitura memorialística de *recôndito*, de Inês Pereira Maciel**RESIGNIFIED LIFE: a *recondite*, memorial reading, by Inês Pereira Maciel**

Kelly Cristina dos Santos Silva⁵⁴
Silvana Maria Pantoja dos Santos⁵⁵

RESUMO: O trabalho propõe analisar o processo de rememoração do eu poético na obra *Recôndito*, da escritora maranhense contemporânea Inês Pereira Maciel. A ressignificação do vivido implica dar um novo sentido às lembranças, a partir dos impactos do presente, isso porque a memória permite o revezamento entre passado e presente. A pesquisa amparou-se nos pressupostos teóricos de Maurice Halbwachs (2006) e Joel Candau (2014), dentre outros não menos importantes. A obra *Recôndito* engloba poemas que tratam de perdas, tristezas e, sobretudo, relações sociais e afetivas. A saudade torna-se presente por meio da relação do sujeito poético com a cidade e com as lembranças compartilhadas entre amigos e familiares, contribuindo para a formação da identidade do sujeito que rememora.

Palavras-chave: Literatura. Memória. Identidade. *Recôndito*. Inês Maciel.

ABSTRACT: The work proposes to analyze the process of remembrance of the poetic self in the work *Recôndito*, by the contemporary Maranhão writer Inês Pereira Maciel. The re-signification of what was experienced implies giving a new meaning to memories, based on the impacts of the present, because memory allows the alternation between past and present. The research was supported by the theoretical assumptions of Maurice Halbwachs (2006) and Joel Candau (2014), among others no less important. The work *Recondite* encompasses poems that deal with loss, sadness and, above all, social and affective relationships. Saudade becomes present through the poetic subject's relationship with the city and with the memories shared between friends and family, contributing to the formation of the identity of the subject who remembers.

Keywords: Literature. Memory. Identity. *Recondite*. Inês Maciel.

⁵⁴ Graduada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão, campus Timon. Bolsista BATI II- UEMA. Integrante do grupo de Estudos Interdisciplinares em Literatura e Linguagem - LITERLI. E-mail: kellysscristina5@gmail.com.

⁵⁵ Pós-doutorado em estudos da Memória e suas interfaces com a Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Memória: linguagem e sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (PROCAD - AM/CAPES). Doutorado e Mestrado em Letras, área de Concentração Teoria Literária, pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Professora de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Piauí - UESPI e da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Professora dos Programas de Pós-Graduação em Letras de ambas as Universidades. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Literatura e Linguagem - LITERLI cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa e do Grupo de Estudos sobre o Espaço na Literatura - TOPUS. Atua nas linhas de pesquisa da Literatura e suas interfaces com o espaço, a cidade e a memória. Pesquisadora CNPq/Edital Universal. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: silvanapantoja3@gmail.com

Introdução

O presente trabalho objetiva analisar o processo memorialístico na obra *Recôndito*, da escritora maranhense contemporânea Inês Pereira Maciel. Para a construção do estudo, surgem alguns questionamentos: Qual a importância da memória para o eu lírico? Como se dá a relação do eu poético com o social e com os espaços de referências? Como o passado continua atuante nas relações do eu poético com o agora?

Inês Maciel é da cidade de Caxias – Maranhão, ingressou no funcionalismo público federal em 1979 como auditora fiscal e iniciou a carreira literária escrevendo crônicas para o jornal da sua cidade natal. A poeta ocupa a Cadeira de N° 18 da Academia Caxiense de Letras, atualmente, tem se dedicado, exclusivamente, à vida literária.

Maciel é membro efetivo da Associação de Jornalistas e escritores do Brasil – Coordenação do Maranhão (AJEB/MA), da Sociedade de Cultura Latina do Estado do Maranhão (SCLAMA); é organizadora da obra *Crisálidas*, coletânea que reúne nomes de novas escritoras maranhenses, em parceria com a também poeta caxiense Ana Rosália Soares da Silva.

Inês Maciel é autora do livro de contos *Ramos do tempo* (2003), do romance *Virna* (2014), das obras poéticas *Despida* (2008) e *Recôndito* (2016) e do livro de literatura infantil *A Menina dos olhos de peteca* (2014). O livro *Recôndito* é composto por 100 poemas revestidos de construções memorialísticas que envolvem lembranças da infância, dos amigos e familiares, vivências com e na cidade de origem, com ênfase no crescer e fincar raízes.

A memória torna-se significativa para compreensão da identidade. Na visão de Joel Candau (2016, p. 59), “A perda da memória é a perda da identidade”, portanto o ato de lembrar é, ao mesmo tempo, uma construção de pertencimento, uma vez que a identidade se constrói a partir do vivido.

Memória e identidade na obra *Recôndito*, de Inês Pereira Maciel

A identidade está atrelada às memórias. Segundo Candau, (2014, p. 9), “A memória é compreendida como uma reconstrução contínua e atualizada do passado, ao invés de ser vista como uma reconstrução fiel de eventos pretéritos”, pois o ser humano não é somente o que viveu, e sim um conjunto do que foi e do que se tornou. O poema “Recôndito” que dá início à

obra, faz jus ao título do livro. Nele, o eu lírico interioriza-se para analisar o seu ser e depois expressar os diferentes *eus* que comportam o seu íntimo, em um elaborado processo de construção identitária.

Há um Recôndito lugar dentro de mim
Onde me busco e me encontro, enfim!
Há um lugar oculto dentro do meu eu
Que não é mais de ninguém, só meu.

Há milhões de estrelas neste universo,
Onde traços minhas rimas, e meus versos,
Onde passeio sem máscara, sem disfarce,
E onde me desvela a minha real face.
[...]

E neste recôndito onde me abrigo,
Agasalho meu coração despido
E retiro do meu rosto o seu véu.
(MACIEL, 2016, p. 9).

No poema, percebemos a necessidade que o eu lírico tem de compreender a si mesmo, para tanto, vasculha e investiga sobre a sua condição de existência, vivências aprisionadas articuladas às do presente. O eu poético anuncia para o que veio e, em um tom confessional, propõe, através do ato criador, revelar-se por inteiro, “sem máscara, sem disfarce” a sua face interior, as camadas da memória.

É a partir do mergulho em si que encontra as imagens da vida e, com isso, retira do “rosto o seu véu” e desnuda-se. De acordo com SANTOS, (2012, p. 304) “Qual o corpo, a memória têm suas vestimentas, revestida por grossos tecidos ou por finos véus”. Sendo assim, o eu lírico vai ao encontro da sua essência recôndita: encoberta, profunda.

No poema “Arrulhos” há uma idealização das lembranças da infância, repleta de saudade de uma época considerada pelo eu poético a face mais doce da vida. A criança, um ser genuíno, é incapaz de enxergar o lado obscuro da vida adulta, então o sujeito poético, por meio do verbo “querer”, expõe o desejo de (re)vivência das sensações de outrora.

[...]
Quero sentir a chuva no rosto,
Caminhar sobre o sol a brilhar,
Ver o morro em neblinas envolto,
E brincar com as ondas do mar...
Olhar borboletas na primavera,

Achar arco-íris de cores singelas
E pisar na relva verde e florente
Quero o pôr-do-sol de tardes rubentes,
Quero noites repletas de estrelas cadentes,
Quero de volta meu eu...
E ser eu novamente!
(MACIEL, 2016, p. 193).

Por meio de imagens poéticas, como “brincar com as ondas do mar...”, “Olhar borboletas na primavera”, o sujeito poético idealiza o encontro com eu infantil, e nisso inclui a liberdade que só a infância proporciona, por conseguinte, o encontro com consigo mesmo representado nos versos finais do poema. Assim, fica nítido aquilo que Candau define como “paixão memorial: [...] A paixão memorial pode revelar uma rejeição da representação que fazemos de nossa identidade atual, projetando no passado, por vezes, ao mesmo tempo no futuro uma imagem do que gostaríamos de ter sido (CANDAU, 2016, p. 18).

Desse modo, o eu lírico insiste em enfatizar a identidade desejada e, para tanto, volta-se para a sua interioridade na tentativa de rejeição da representação que faz de si mesmo no momento. A imagem das borboletas oferece noção de liberdade, transformação; os vocábulos “primavera” e “arco-íris” complementam a imagem e remetem ao colorido de uma infância saudável/feliz. A repetição do verbo “querer”, conjugado em primeira pessoa, enfatiza o desejo do eu poético em lutar para obter algo que só pertence agora às lembranças: “Quero de volta meu eu... E ser eu novamente”. Confirmamos, com isso, a busca pela identidade perdida.

Stuart Hall (2003) assevera que estamos sempre em processo de formação. Com este pensamento, Hall abre espaço para os questionamentos sobre “ser” e “tornar-se” a partir de elementos exteriores, bem como de influências sofridas com o transcorrer do tempo.

A memória da família

A família é o primeiro grupo que nos acolhe na conjuntura social, dessa forma, os laços afetivos criados na interação familiar são de suma importância para a formação do indivíduo. Nos poemas “O silêncio da noite” (dedicado à mãe) e “O vitral do poente” (dedicado ao pai), o eu lírico apela ao aconchego familiar, a partir das duas maiores referências da célula social. Essa abordagem está alinhada ao pensamento de ZINANI, (2006) que afirma: "A família constitui a sociedade primordial. É na interação que ocorre às relações familiares que estrutura, desde a primeira infância, o arcabouço da personalidade". Em “O silêncio da noite”, o eu poético, por meio da imagem do silêncio, aproxima-se da lembrança da mãe:

O silêncio da noite esculpe teu vulto
No brilho das estrelas do firmamento, E no
farfalhar das folhas eu escuto
Tua amada voz, trazida pelo vento...

[...]

Seis anos de dolorosa ausência,
Seis anos de saudade recolhidas
Do tempo que tinha tua presença
Marcada por horas bem vividas...

E são todos teus estes momentos
Em que a saudade em mim pernouta,
Conseguindo pausar o próprio tempo.
(MACIEL, 2016, p. 159).

É no cair da noite que a saudade aperta e a lembrança da mãe vem à tona, acompanhada de “dolorosa ausência”. A noite é calma e acolhedora como o colo de uma mãe. Imagens isomórficas como “noite que esculpe o vulto”, “firmamento”, “vento” remetem a sensações fluidas, inapreensíveis, no entanto na solidão da noite a memória vai ao encontro da mãe, de forma lenta e mansa, e consegue “pausar o próprio tempo”. Segundo Candau:

[...] é provável que os membros de uma mesma sociedade ou núcleo familiar compartilhem as mesmas maneiras de estar no mundo (gestualidade, maneiras de dizer, maneiras de fazer, etc.), adquiridas quando de sua

primeira, maneiras de estar no mundo que contribuem a defini-los e que memorizam sem ter consciência, o que é o princípio mesmo de sua eficácia. Desse ponto de vista seria preciso atribuir nuances às concepções situacionais de identidade sem, no entanto, rejeitá-las, afirmando que pode existir um núcleo memorial, um fundo ou substrato cultural. (CANDAUI, 2016, p. 26).

O convívio com a mãe permite ao eu lírico conhecer cada detalhe que constitui a referência do seio familiar. O acostumar-se com a presença forte da mãe faz a falta se intensificar. É no encontro com o que há de mais singelo na natureza: “o brilho das estrelas”, que o sujeito poético rememora os momentos bons que vivera com a genitora.

No poema “O vitral do poente”, o eu poético delinea a saudade do pai, lamenta a perda e o traz nas lembranças carregadas de nostalgia. A passagem lenta dos anos, a distância física cada vez maior desencadeia o vazio.

Hoje está fazendo um ano de vazios teus.
E o vitral do poente, como embaçado
Exibe um pálido entardecer,
Escondendo um sol sem reflexos,
Acanhado quase sem cor,
Assim, tal qual a minha dor...

[...]

Teias de nuvens cinzentas
Bordam o horizonte
Desta tua ausência...
Entardecer que se despede, por fim,
Nesta imensa simplicidade,
Nesta pungente saudade,
Nesta tristonha dor.
(MACIEL, 2016, p.163).

O eu lírico deixa claro a incômoda sensação de perda expressa por meio da palavra “embaçado”, que corresponde à perspectiva do sujeito em relação à ausência paterna. Halbwachs (2006, p. 160) assevera: “Um acontecimento realmente grave sempre traz consigo uma mudança no espaço”. Com isso, o eu poético, por meio da personificação, atribui características melancólicas, nebulosas ao ambiente: “Exibe um pálido entardecer”,

“Escondendo um sol sem reflexo”, “Acanhado quase sem cor”, “Tal qual a minha dor”. Na concepção de Pierre Nora:

A memória é a vida, sempre carregada de grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, consiste de suas decorações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manifestações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1981, p. 90).

Sendo assim, nossas lembranças podem adquirir um reflexo diferente, por meio dos impactos da rememoração. A memória “aberta” de que trata Nora é a possibilidade de revezamento entre lembrança e esquecimento.

A reiteração do pronome demonstrativo “nesta” nos três últimos versos do poema condensa o tempo presente: “Nesta imensa simplicidade”, “Nesta pungente saudade”, “Nesta tristonha dolência” e enfatiza o sentimento de pertença, uma vez que o pronome fornece a sensação de algo próximo ao sujeito que se pronuncia, indicando o movimento pendular passado/presente. Dessa forma, a lembrança que o eu lírico tem do pai pertence ao seu íntimo e reflete nas dores geradas pela perda, intensificadas pela gradação descendente: “imensa”, “pungente”, “tristonha”.

Memória da cidade que fica

Sob o olhar de Halbwachs (2006, p. 182), “Quando um grupo está inserido no espaço, ele transforma a sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita às coisas materiais”. Dessa forma, o espaço é de fundamental importância para o processo nostálgico, juntamente com os elementos que o compõem. No poema “Os sinos do final da tarde”, há um forte vínculo do eu poético com a cidade de origem.

Nas seis horas de Maria
No entardecer de Caxias,
Não mais repicavam os sinos

Que soavam como hinos
No alto da torre da catedral...

[...]

O velho e grande rio parece encolhido
Correndo acanhado, num leito sofrido,
Emudecido, sem sua mata exuberante,
Sem suas águas puras, refrescantes,
Sem suas matas puras, refrescantes...
Tal os sinos do alto da torre da catedral

[...]

(MACIEL, 2016, p.11-12).

A cidade natal é mencionada como uma referência significativa para o sujeito poético, posto que o lugar de origem comporta vivências e reforça o caráter de pertencimento. Como assevera Candau (2006), “Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restrição de nomes próprios”. Com isso, a cidade de Caxias, atrelada às recordações, constitui a identidade do sujeito lírico que faz referência a elementos simbólicos: sinos, hinos, torre, representativos da fé cristã, reunidos no templo católico Catedral, e que reforça a memória coletiva da comunidade. De acordo com Halbwachs:

Cada objeto reencontrado e o lugar que ele encontra no conjunto nos recordam uma maneira de ser comum a muitas pessoas e, quando analisamos esse conjunto e lançamos nossa atenção a cada uma dessas partes, é como se dissecássemos um pensamento em que se confundem as atribuições de certa quantidade de grupos (HALBWACHS, 2006, p. 158).

Com isso, os objetos contidos no espaço formam um conjunto de elementos responsáveis pelas lembranças individuais e coletivas. Os elementos "sinos", "torre", "Catedral" fazem parte do cotidiano urbano e acompanham as vivências do ser na cidade, neles, são depositados valores simbólico e religioso, relacionados tanto ao sujeito que rememora, quanto aos habitantes do lugar. Halbwachs assevera: Qualquer religião tem também sua história, ou melhor, há uma memória religiosa feita de tradições que remetem a eventos muito distintos no passado. Ora, seria muito difícil evocar o acontecimento se não pensássemos no lugar (HALBWACHS, 2006, p. 182).

Portanto, os elementos religiosos imersos no espaço indicam que o eu lírico não esqueceu os ensinamentos cristãos cultuados no seio familiar. Mas a cidade se dinamiza, muda a sua forma e o modo como os sujeitos com ela se relacionam, isso é notado no eu lírico em "Os sinos do final da tarde", que expõe uma atmosfera triste ao rio que, assim como o sino da catedral, são representativos da paisagem citadina. Assim como os sinos, o rio é um elemento urbano que acompanha a evolução da cidade, logo, é considerado um patrimônio do lugar dada a sua resistência e permanência em meio às transformações pelas quais passam o espaço urbano. Segundo Halbwachs:

Novos fatos excepcionais também têm lugar nesse contexto espacial, mas porque em sua devida ocasião o grupo tomou consciência com maior intensidade do que era há muito tempo até esse momento [...]. No entanto, um acontecimento realmente grave sempre traz consigo uma mudança nas relações do grupo com o lugar (HALBWACHS, 2006, p. 160).

O eu lírico, ao visualizar as mudanças pelas quais passam o rio, causadas pelo transcorrer dos anos, recorda-se da antiga imagem que tinha do lugar, proporcionando uma nova percepção do espaço após as transformações sofridas. Dessa maneira, o sujeito poético é testemunho de um tempo em que o "velho e grande rio" tinha outra paisagem e lamenta a sua degradação com seu "leito sofrido", "sem suas matas exuberantes".

No poema "A Rua da Areia, a minha rua", é expressa a ligação do eu lírico com a rua da infância que abriga a casa primigênia. O termo "Janelas fechadas" remete às lembranças aprisionadas do eu poético em relação ao espaço representado.

O velho casarão, janelas fechadas,
Numa resistência muda
Ao passar insistente dos anos,
Ainda se encontra, persistente,
Na mesma rua de antigamente.
[...]

E naquela rua comprida, mar de areias,
Com seus grãos de prata hoje sob o asfalto,
Ainda existe um casarão fechado,
E uma menina petrificada pelo tempo
[...]
(MACIEL, 2016, p. 23-24).

O vínculo do sujeito poético com a casa não envolve apenas o espaço físico, mas sobretudo o valor simbólico que o local transmite. Segundo o geógrafo Yi-Fu Tuan (1985, p. 160), “O lar é um lugar íntimo” e que “pensamos na casa como lar e lugar”. Assim, o que caracteriza o lar não são só os elementos sólidos, mas também as relações afetivas existentes entre marido/mulher, pais/filhos e irmãos.

Com a dinâmica da cidade os espaços urbanos vão recebendo camadas que acabam modificando paisagens que outrora fizeram parte de outros cotidianos: a rua de areia é eliminada pelo asfalto e, com isso, soterra as referências. Na concepção de Santos:

O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço é singular: formado de momentos cristalizados por meio de objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente enquanto formas que abrigam uma essência, dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como ‘tempo’, não porém como ‘espaço’. (SANTOS, 2007, p. 14).

Com o passar dos anos o espaço se modifica, no entanto há espaços diferentes. Halbwachs (2006) enfatiza: “O espaço é uma realidade que dura”, pois deixam marcas que adentram no interior do ser. No último verso “E uma menina petrificada pelo tempo”, o eu poético se refere à memória presente e que se encontra “petrificada” junto com os elementos exteriores, logo, a cidade não é a mesma e a menina também não. Candau afirma:

Muitas vezes manifestando nostalgia por um passado pintado com cores de “velhos bons tempos”, o narrador faz uma crítica à sociedade atual que pode trair a exigência subjacente de mudanças para o futuro. O conteúdo da narrativa é, nesse caso, uma negociação entre uma certa representação do passado e um horizonte de espera. Por essa razão a memória, portadora de uma estrutura possível de futuro, é sempre uma memória viva. (CANDAUI, 2011, p. 89).

Dessa forma, a lembrança que o eu lírico possui do espaço de outrora permite-lhe fazer comparações com o espaço do presente. Se as mudanças do espaço não alcançarem as expectativas do sujeito, o local não terá para ele o mesmo valor simbólico do passado. O espaço, então, é recordado junto com os momentos felizes vivenciados pelo sujeito lírico.

Considerações finais

A memória estabelece fortes vínculos sociais, ancorada em práticas coletivas que envolvem relações com grupos, especialmente o familiar. Segundo Halbwachs (2006, p. 30), “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas pelos outros, ainda que se trate de acontecimentos que só nós estivemos envolvidos”. Nesse sentido, a memória coletiva proporciona a construção da identidade, devido à relação de dependência desta com a memória.

A obra *Recôndito* é marcada pelas lembranças do eu poético nas relações estabelecidas com a família, em especial com o pai e a mãe, bem como com a cidade natal que a viu crescer e fincar raízes. Os poemas fazem referências ao íntimo, à descrição de acontecimentos e à expressão de sentimentos. Assim, a saudade da infância, de um tempo relativamente feliz, é marcado pela liberdade e ingenuidade do ser criança: as brincadeiras e a afetividade com o espaço contribuem, via memória, para o fortalecimento da identidade. Dessa maneira, na obra *Recôndito* o eu poético apela às recordações de experiências com e na cidade natal na busca pela compreensão de si mesmo, em meio às transformações do espaço sob o efeito do tempo.

Constatamos, portanto, a importância da memória para a compreensão do sujeito, capaz de entender sobre si, a partir de relações entre acontecimentos vividos no contexto social e espacial em que se encontra. Nesse sentido, o vínculo estabelecido pelo eu lírico nas relações familiares e com a cidade de origem é imprescindível à identidade, via processo de rememoração.

Referências

- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 1. ed. São Paulo. Editora: Contexto, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2º. edição. São Paulo. Editora: Centauro. 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e trad.). **Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 103-133.
- MACIEL, Inês Pereira. **Recôndito**. 1. ed. Caxias: Gráfica e editora JM Ltda, 2016.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: Les Lieux de Mémoire**. Representações, n. 26, Edição Especial: Memória e Contramemória, p. 7-24. Primavera: 1981.
- SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. Identidade e Memória ou As fraturas do tempo em *Despida*, de Inês Pereira Maciel. *In*: MENDES MACEDO, A; ARAÚJO SILVA DA, J. (Orgs) **Diálogos de gênero e representações literárias**. Teresina: EDUFPI, 2012, p.359-372.
- SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos & MORAIS, Solange Santana Guimarães. **Introdução à Teoria da Literatura**. São Luís. UEMANET. 2021.
- SCHOLLHAMMER, Kart Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo. Editora: Edusp, 1985.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. Caxias do Sul, Rs. Educs, 2006.